

DIALOGISMO, INTERDISCURSO E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA NA CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

FÁBIO DE OLIVEIRA*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 13 jan. 2020. Aprovado em: 18 abr. 2020.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, F. de. Dialogismo, interdiscurso e heterogeneidade constitutiva na carta-testamento de Getúlio Vargas. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 204-216, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p204-216

Resumo

Nosso objetivo é observar como as categorias dialogismo e interdiscurso operam na produção de sentido na carta-testamento de Vargas (Rio de Janeiro, datada de 23 de agosto de 1954) e analisar como a heterogeneidade constitutiva está implícita em seu discurso. Nossa hipótese é que estão presentes duas formações discursivas em diálogo, a saber, política e religiosa, trabalhando para construção de um mito de Getúlio Vargas como um messias histórico. Consideramos as noções de dialogismo em Bakhtin (2016) e de interdiscurso segundo Main-

* E-mail: fabio.deoliveira_mensagem@live.com
 <https://orcid.org/0000-0001-9377-1362>

gueneau (1997), além de um exame breve do conceito de heterogeneidade de semântica do discurso em Maingueneau (1997) e Authier Revuz (1990).

Palavras-chave

Dialogismo. Heterogeneidade. Análise do discurso.

A pesquisa é pertinente pelo fato de estudar a presença do outro por meio das distintas vozes no discurso, identificando elementos de heterogeneidade no processo de enunciação:

Os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação ao dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. As margens do dizer, do texto, também fazem parte dele [...] (ORLANDI, 2009, p. 30).

Concordamos com a ideia de que discursos “não são documentos que ilustram idéias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras” (ORLANDI, 2009, p. 64). Tal multiplicidade de leitura não implica dizer falta de orientação ou escapismo relativista, mas que, em seu cerne, a linguagem discursiva pressupõe camadas de diversas naturezas, plasmadas em si em relacionamento dialógico. Nosso objetivo é identificar a interação entre formações discursivas diferentes, visto que “a identidade discursiva está construída na relação com o Outro [...]” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120), entendido sob o ponto de vista da interdiscursividade.

Neste artigo, limitamo-nos ao estudo do conceito de heterogeneidade constitutiva, “Heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o Mesmo do discurso com seu Outro, ou, em outros termos, aquilo que se costuma de chamar de seu exterior” (BRANDÃO, 2012, p. 87), inscrita implicitamente por meio de alusões ao discurso nos evangelhos bíblicos, em particular as expressões de e sobre Jesus acerca de sua obra de salvação. Abordaremos o discurso como produto da consciência objetiva materializada e compartilhada por meio do texto produzido por um sujeito que possui formação discursiva, valores e ideologias, discurso em luta:

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (PÊCHEUX, 1990, p.18).

Embora o sujeito seja singular, como enunciador fala dentro das categorias espaço e tempo, sendo paciente do processo de assujeitamento: “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades. [...] não só por seu conteúdo (temático) pelo estilo e pela linguagem [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Tanto o enunciador como os enunciatários trazem em seu discurso muitas vozes. Além disso, as relações de produção, a situação sociopolítica da qual deriva o discurso influenciam as interações verbais entre os indivíduos e as formas de comunicação verbal social, no trabalho, política etc.

Na perspectiva de Maingueneau (1997), interdiscurso corresponde em partes ao dialogismo bakhtiniano expresso por meio do que chama heterogeneidade. A ideia básica por trás do conceito de heterogeneidade é tomarmos conhecimento de que o funcionamento de um discurso acontece em uma relação radical de seu interior com o seu exterior. Todo sujeito está inscrito em uma formação discursiva:

[...] todo discurso é constitutivamente heterogêneo e que as palavras não são exclusividade de seu enunciador e sim reelaborações de dizeres já ditos [...] impregnados de valores ideológicos que são constantemente modificados quanto ao seu sentido em função do momento, do uso e do lugar discursivo do enunciador [...] (VERISSIMO, 2016, p. 40).

Maingueneau (1997, p. 115), seguindo Bakhtin, reconhece a primazia do interdiscurso sobre discurso, pois falamos dentro de uma memória discursiva “constituída de formulações que se repetem, recusam e transformam outras formulações [...]”.

Como afirma Possenti (2003, p. 263):

Maingueneau apresenta uma noção de interdiscurso menos pomposa, porém mais operacional e mais produtiva. Segundo ele, “é necessário afinar este termo muito vago para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo [...]”.

O autor entende o termo interdiscurso por meio de três conceitos: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo:

Entende-se por universo discursivo o conjunto de formulações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor interagem em uma conjuntura [...] o campo discursivo é definível como um conjunto de formulações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. O recorte de tais campos deve recorrer de hipóteses explícitas. [...] *O espaço discursivo, enfim, delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados* [...] (MAINGUENEAU, 1997, p. 116-117 grifo nosso).

Neste trabalho, interessa-nos a noção de espaço discursivo, já que o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos. No *corpus* em questão, o campo discursivo é o político-econômico. Quanto ao espaço discursivo, defendemos que há um encontro entre o discurso dos evangelhos e o discurso nacionalista, entrelaçado por um *ethos* messiânico.

O espaço discursivo é esse lócus onde o dialogismo-interdiscurso, digamos nublado, é expresso nos discursos de maneira mostrada (explícita) materialmente no próprio texto por meio de ironias, negações, intertextualidade etc. ou de maneira constitutiva (implícita):

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o vertical, do pré-construído, do domínio de memória e o horizontal, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciados é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. O domínio da memória representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal [...] (MAINGUENEAU, 1997, p. 115).

A noção de heterogeneidade constitutiva se relaciona ao dialogismo, pois se trata de um tipo de presença do outro que não pode ser recuperada por marcas explícitas no fio discursivo, contudo:

Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos

quais o discurso que ela deriva define sua identidade [...] (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

Isso implica que, ao analisarmos o discurso, podemos utilizar-nos de outros turnos para além da heterogeneidade mostrada, valendo-nos dos pré-construídos, memória, tanto do enunciador, e, no caso da heterogeneidade constituída ainda mais acentuada, quanto do enunciatário: “A noção de sentido passa pelo sujeito da mesma maneira que a significação passa pela instância discursiva [...]” (VERISSIMO, 2016, p. 32).

Nossa hipótese é que, em sua carta-testamento, Getúlio Vargas ou seu *ghost writer* usa formas mais complexas da presença do outro recorrendo a alusões, reminiscências, jogando com o discurso bíblico, com a finalidade de criar um mito messiânico: “joga com outro discurso às vezes tornando-o mais vivo não mais no nível da transparência, do explicitamente mostrado ou dito, mas, no espaço do implícito, do semidesvelado, do sugerido [...]” (BRANDÃO, 2012, p. 61).

Para interpretar um enunciado, partimos imediatamente da nossa formação discursiva expressa na relação eu-outro. Esse pressuposto vai ao encontro do conceito de heterogeneidade constitutiva:

Sujeito heterogêneo, que é aquele que divide o espaço discursivo com o outro por ser o outro constitutivo do próprio sujeito, criando uma heterogeneidade discursiva. Afinal, é pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, na medida em que abre espaço para relações intersubjetivas, e para o reconhecimento recíproco das consciências [...] (VERISSIMO, 2016, p. 35).

Na heterogeneidade constitutiva, os sentidos e o impacto dos efeitos do interdiscurso dependem da amplitude da formação discursiva do enunciatário. Na carta de Vargas, há interdiscurso com passagens dos evangelhos, contudo não há citação direta ou indireta.

Na carta, o processo de construção do mito messiânico em referência a Vargas se apresenta mais nitidamente àqueles cuja formação discursiva inclua algum conhecimento de teologia cristã ou que tenham lido mais detidamente os evangelhos bíblicos, já que “o enunciado de uma formação discursiva pode, pois, ser lido em seu ‘direito’ e em seu ‘avesso’: em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra marca distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos [...]” (MAINGUENEAU, 1997, p. 121). Sobre esse

aspecto, Revuz (1990) afirma que o sujeito é dividido entre o consciente e o inconsciente, e a fala heterogênea é consequência disso. O inconsciente pode ser recuperado, reconstruído, a partir de traços deixados pelos apagamentos e esquecimentos no discurso.

[...] o discurso não se reduz, portanto, a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso: “o avesso é a pontuação do inconsciente; que não é um outro discurso, mas, o discurso do outro; isto é, o mesmo mas, tomado ao avesso, em seu avesso” (CLÉMENT, 1973 *apud* BRANDÃO, 2012, p. 66).

Na análise, realizaremos alguns recortes do campo discursivo político demonstrando como o discurso dos evangelhos, ou seja, religioso, se associa para a construção do *ethos* messiânico, orientando-nos na análise pelos pressupostos metodológicos de Maingueneau (1984 *apud* BRANDÃO, 2012, p. 91):

Maingueneau propõe levar em conta os fundamentos semânticos dos discursos. E como os discursos se fundam na relação interdiscursiva, o que se deve é “construir um sistema no qual a definição de rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações deste discurso com seu outro”.

No Quadro 1, recortamos os trechos do discurso em que sugerimos haver sinais de heterogeneidade constitutiva. No lado esquerdo, a carta-testamento e à direita as referências nos evangelhos. Em cada trecho destacado, há uma letra que servirá de referência. Julgamos oportuno uma breve contextualização da leitura cristã histórica do relato dos evangelhos. Nestes, em particular no Evangelho segundo Mateus, Jesus é retratado como o Salvador, o messias prometido pelos profetas.

Vejamos algumas citações diretas que falam sobre essa perspectiva, seguida de breves esclarecimentos: “E Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo” (Mateus 1.17). Ao chamar Jesus de Cristo, está implícito sua natureza messiânica, de trazer redenção ao seu povo, conforme anunciado pelos antigos profetas: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque salvará o seu povo dos pecados deles [...]” (Mateus 1.21). Jesus é uma tradução do nome hebraico Josué, que significa salvação. A vinda de Jesus Cristo é um dos pontos altos da história bíblica; ele é o libertador político dos israelitas subjugados pelo poder romano, mas, ao

mesmo tempo, extrapola essa expectativa revelando-se como o redentor do cosmos. Vejamos como a construção do discurso trabalha com essas ideias, na tentativa de construção do “mito messiânico” sobre a figura de Vargas.

Carta-testamento de Vargas	Passagens bíblicas
<p>A)</p> <p>“Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.”</p>	<p>“Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido. [...] Ele foi oprimido e afligido, contudo não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado [...]” (Isaías 53.3-4,7-8).</p> <p>“Depois o sumo sacerdote levantou-se diante deles e perguntou a Jesus: ‘Você não vai responder à acusação que estes lhe fazem?’. Mas Jesus permaneceu em silêncio e nada respondeu. Outra vez o sumo sacerdote lhe perguntou: ‘Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?’” (Marcos 14.60-61).</p>
<p>B)</p> <p>“Sigo o destino que me é imposto.”</p>	<p>“Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais, que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem. Este homem lhes foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse” (Atos 2.22-24).</p> <p>“De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com os povos de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste. Fizeram o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse” (Atos 4.27-28).</p>

(continua)

(continuação)

Carta-testamento de Vargas	Passagens bíblicas
<p>C)</p> <p><i>"[...] fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social."</i></p>	<p>"Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor'" (Lucas 4.17-19).</p>
<p>D)</p> <p><i>"Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo."</i></p>	<p>"Então Jesus foi com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: 'Sentem-se aqui enquanto vou ali orar'. Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes então: 'A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo'. Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: 'Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres'" (Mateus 26.36-39).</p>
<p>E)</p> <p><i>"Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida."</i></p>	<p>"O ladrão vem apenas para furtar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (João 10.10-11).</p> <p>"Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: 'Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados'" (Mateus 26.26-28).</p>
<p>F)</p> <p><i>"Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos."</i></p>	<p>"Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mateus 28.19-20).</p> <p>"E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês. Dentro de pouco tempo o mundo já não me verá mais; vocês, porém, me verão" (João 14.16-19).</p>

(continua)

(conclusão)

Carta-testamento de Vargas	Passagens bíblicas
<p>G)</p> <p><i>“Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência.”</i></p>	<p><i>“Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados”. Depois de lhes ter falado, o Senhor Jesus foi elevado ao céu e assentou-se à direita de Deus” (Marcos 16.17-19).</i></p>
<p>H)</p> <p><i>“Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.”</i></p>	<p><i>“Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: ‘Tomem e comam; isto é o meu corpo’. Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: ‘Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados” (Mateus 26.26-28).</i></p>
<p>I)</p> <p><i>“Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”</i></p>	<p><i>“Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade” (João 10:17.18).</i></p>

Quadro 1 – Heterogeneidade constitutiva na carta-testamento e na Bíblia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na seção A, o enunciador se autodefine como a ovelha muda que vai ao matadouro por um fim nobre, a salvação dos humildes, morre no lugar deles e para eles, em silêncio ou silenciado, injustiçado, oprimido. Além disso, a causa da morte não é outra senão a defesa dos humildes, é a sua luta em favor deles que o coloca entre a vida e a morte.

Fazendo alusão aos decretos do destino, na seção B, vemos que ele nasceria para isto, para viver e morrer por uma causa, uma espécie de predestinado. Nos evangelhos e na Bíblia como um todo, é sabido que Deus é aquele que decreta e dirige todas as coisas e que seu Filho Jesus foi morto por mãos de homens injustos em conformidade com esse decreto.

Já na seção C, menciona seu labor em dar liberdade aos oprimidos, liberdade social. No Evangelho, vemos que Jesus inaugura o reino de Deus por meio de suas ações de poder e palavras. A passagem bíblica ao lado registra as palavras de Jesus no início de seu ministério. Seu reino (governo) tem dimensões espirituais e histórico-materiais, visto que o doente, o pobre, a mulher, o órfão, a viúva e os ricos podem ser beneficiários desse governo justo. O enunciador compara sua vocação libertadora – “redentora” do pobre.

A ideia da paixão de Cristo é referenciada na seção D, está sofrendo, suportando pressões agudas, renunciando à sua vontade em detrimento da “vontade do destino”, uma clara alusão ao sofrimento de Jesus no Getsêmani, local onde Jesus orava angustiado. Nesse lugar, espremia-se o óleo para produção de azeitonas, e, à semelhança, Jesus é espremido pelas circunstâncias, mas, resignado, cumprirá sua vocação.

Na seção E, há alusão à obra sacrificial de Jesus em dar a sua vida por suas ovelhas, ele é o pastor que protege o rebanho da investida de lobos e de pastores mercenários. Faz correspondência entre as aves de rapina com os pastores mercenários que não se preocupam com o rebanho. Ele, ao contrário daqueles, entrega sua vida por esse rebanho chamado povo brasileiro. Ainda nessa seção, a ideia de holocausto é uma evidência mais explícita. No Antigo Testamento e no Novo Testamento, o perdão dos pecados só poderia ter sido feito pelo derramamento de sangue. No Antigo Testamento, fazia-se o holocausto com cordeiros, bodes e bezerras, contudo estes apontavam para Jesus, o cordeiro. Seu sangue derramado remove o pecado e traz a salvação do pecador. O enunciador usa o sentido da obra expiatória de Cristo e dá um novo sentido, um novo contexto e uma nova versão, mas sem mexer na ideia de messias salvador, que no caso seria ele próprio.

Encontramos a ideia de perenidade na seção F. Os evangelhos relatam que, antes da sua morte e depois da ressurreição, Jesus encontra-se com seus discípulos concedendo-lhes poder e autoridade, além de encorajá-los com sua presença pessoal por meio do Espírito Santo. Vargas promete ser onipresente. Ainda que em figura de linguagem, sua morte não seria o fim e a nação brasileira não estaria órfã. Não se refere à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), mas ao seu sacrifício, é por ele que as próximas gerações seriam encorajadas e amparadas.

A seção G remete-nos ao seu sacrifício como um estandarte, um símbolo unificador das futuras gerações em torno do qual fariam resistência. Sua imor-

talidade estaria na consciência dos seus seguidores. A ideia também pode ser encontrada nos evangelhos: Jesus, quando sobe aos céus, encoraja seus discípulos e lhes dá autoridade e poder espiritual para continuar a implantação do reino. O estandarte que os une é o seu próprio nome. Por meio do nome de Jesus, os discípulos venceriam todos os obstáculos para levar adiante a obra inaugurada pelo mestre, que é imortal.

As referências aos termos sacrifício, sangue e resgate destacados na seção H estão em franco interdiscurso com a fala de Jesus acerca de seu sacrifício. O sangue derramado é em favor dos discípulos, tem valor de resgate e caráter permanente. Como temos visto, há no discurso uma insistente alusão à obra redentora de Jesus: o enunciador projeta-se no texto como o salvador, e seu sangue salvaria muitos.

Na seção I, a frase famosa no último parágrafo do discurso encontra evidências inclusive léxicas com o Evangelho: “eu vos dou a minha vida”. A ideia de eternidade é vista aqui à semelhança de Jesus: ele morrerá, mas viverá na consciência do povo.

As alusões à missão e paixão de Cristo estão por toda a parte, mas evidentemente modificadas, em diálogo no interior de sua ideologia. A heterogeneidade está presente, assim como o interdiscurso e o dialogismo.

Finalmente, por meio dessa análise, entendemos que não é o país Brasil, o povo ou as instituições que entram para história, somente Getúlio Vargas. Ele vencerá a morte. O autor se projeta como o início e fim da história. Pelas evidências do discurso, desde as escolhas lexicais até o uso semântico das alusões aos evangelhos, a preocupação é a fundação do mito messiânico. Vargas fala, mas quem está em primeiro plano é o mártir da causa nacional, ele é do povo, vive, morre e ressuscita pelo povo. No discurso, sua entrega voluntária ao sacrifício público em favor dos pobres é o fundamento da analogia com a paixão de Cristo.

Conforme dito, de forma implícita, por meio de alusões faz da carta um manual de instruções para compreensão do mito “Getúlio Vargas, o messias histórico”. No Brasil, país cuja herança religiosa é predominantemente cristã católica romana, o discurso ora analisado encontraria pronta empatia.

Aqueles que estivessem minimamente conectados com esse campo discursivo poderiam fazer suas inferências, visto que a construção dos argumentos encadeia duas formações discursivas diferentes, político-religiosa. Contudo, parece-nos, com base na análise, que, na carta, Vargas não estava interessado

em justificar a sua saída, culpar alguém ou mesmo preocupado com conjuntura político-econômica, tampouco em aquecer a fé dos cristãos, mas vislumbra a construção ideológica da própria imagem. Com base nisso, podemos definir o texto como uma peça de retórica no interior do gênero carta-testamento. Ele não está preocupado com o que deixou para o Brasil, mas sim com sua narrativa de história pessoal, identificando-se como uma personificação, um simulacro de messias redentor.

Dialogism and interdiscourse: elements of constitutive heterogeneity in Getúlio Vargas's testament letter

Abstract

We aim to observe how dialogism and inter-discourse operate in producing meaning in Vargas's testament letter (Rio de Janeiro, dated August 23, 1954). We also analyze how constitutive heterogeneity is implicit in his discourse. We hypothesize that two discursive formations in the dialogue are present: political and religious, working to construct a myth of Getúlio Vargas as a historical messiah. We consider the notions of dialogism in Bakhtin (2016) and inter-discourse, according to Maingueneau (1997), followed by a brief examination of the concept of semantic heterogeneity of discourse in Maingueneau (1997) and Authier Revuz (1990).

Keywords

Dialogism. Heterogeneity. Discourse analysis.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br>. Acesso em: 5 maio 2019.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1997.

ORLANDI, E. *Análise do discurso: princípio e métodos*. São Paulo: Contexto, 2009.

PÊCHEUX, M. Apresentação da análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, H. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 1990.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 253-269, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2890>. Acesso em: 5 maio 2019.

REVUZ, A J. Heterogeneidades enunciativas. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 28 maio 2019.

VERISSIMO, C. M. *Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade marcada: uma análise da obra 1822 de Laurentino Gomes*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.